
SOBRE A QUESTÃO DA DINÂMICA DO CARÁTER INFANTIL¹

L.S.Vigotski

Tradução: Zoia Prestes*

1

Na teoria psicológica e na prática pedagógica a apresentação da questão em si não abria espaço para o estudo do caráter infantil, do seu desenvolvimento e de sua formação. A questão era tratada de forma estática e analisava-se o caráter como uma dimensão estável, sempre igual a si mesma, disponível e presente. O caráter era entendido como um estado e não como processo, como condição e não como formação. A fórmula clássica desta concepção foi dada por T.Ribo que apresentou duas condições necessárias e suficientes para determinar o conceito caráter: unidade e estabilidade, sob as quais se entende a unidade no tempo. O verdadeiro sinal do caráter, segundo Ribo, é que ele surge na primeira infância e permanece constante durante a vida; o verdadeiro caráter é congênito.

Nos últimos anos a visão estática do caráter encontrou uma expressão final e completa na teoria de E.Kretchmer que analisa o caráter na relação com a constituição do corpo como uma construção psíquica juntamente com a somática. As duas, ou seja, a constituição do corpo e do caráter, são determinadas, segundo ele, no final das contas, pelo sistema endócrino congênito. Kretchmer distingue dois grandes e complexos biótipos dos quais (em níveis bem diferentes de misturas) forma-se uma grande quantidade de nuances normais do temperamento (1930) – esquizotímico e ciclotímico tipos de caráter que estão se relacionam com dois tipos principais de doenças mentais: esquizofrenia e psicose maníaco-depressiva (cíclico). Este estudo exerce uma forte pressão na psicologia infantil, como aponta corretamente A.B.Zalkind(1926).

A continuação e desenvolvimento, ou melhor, a transferência do ponto de vista de Kretchmer para a ciência sobre a criança, encontramos em P.P.Blonski. “Um dos méritos de Kreychmer é - diz ele – o estabelecimento da relação entre a constituição do corpo e do caráter... Vou além e afirmo que os temperamentos representam diferenças não só entre os indivíduos, mas entre as idades. Em particular, à infância do dente-de-leite é característico o temperamento ciclotímico” (1925, p. 182). O adolescente substitui o temperamento ciclotímico pelo esquizóide (idem, p.227). A mudança que sofre a concepção estática do caráter, ao transferi-la para a criança, é que no lugar do tipo de caráter único e fatalmente determinado pelo sistema endócrino coloca-se a sucessão conseqüente de um tipo pelo outro. O próprio princípio de estabilidade, declarado por Ribo, permanece, intocável. O tipo de caráter revela-se somente fixado em um certo nível etário e não em uma constituição já formada. A série de tipos estáveis pelos quais a criança passa sucessivamente é, contudo, estático, e não uma série dinâmica. E isso é o traço principal tanto de um como do outro estudo, assim como da maioria dos estudos caracterológicos. Este traço, como afirmamos, A.B.Zalkind com

¹Tradução do russo a partir de Vigotski, L.S. Obras completas em 6 volumes. V. 5, *Pedagogika*, Moscou, 1983, p. 153-165.

*Mestre em Educação pela Universidade Lenin de Pedagogia de Moscou. Professora substituta da Universidade de Brasília.

razão denomina de estatismo absoluto e biológico na questão do caráter (1926). “...O desenvolvimento do caráter humano, – diz ele avaliando este traço - é somente o desencadeamento passivo daquele tipo biológico essencial que é congênito no ser humano” (idem, p. 174).

O esquema de Kretchmer não serve para a definição dos traços caracterológicos por idade. No entanto, isso não atrapalha a tentar revelar para cada etapa do desenvolvimento seu conteúdo predominante e específico. Este conteúdo específico não cabe agora em nenhum sistema caracterológico existentes, pois ele muda muito sob a influência do meio, eis porque é perigoso colar nos sistemas, na situação atual da ciência, “passaportes” rígidos. A imperfeição deste ponto de vista, como de qualquer ponto de vista estático, e não dinâmico, é que ele é incapaz de solucionar questões sobre a origem, o desenvolvimento, a corrente e é obrigado a limitar-se à constatação, colheita, generalização e classificação de dados empíricos, sem conhecer a natureza real dos fenômenos pesquisados. “... Se a forma de revelação e a essência das coisas coincidissem espontaneamente, então qualquer ciência seria desnecessária...” – escreveu Marx (K.Marx, F.Engels. Col., v. 25, p. II, p. 384). Por isso, este ponto de vista que se contenta com a forma de “revelação dos objetos”, ou seja, somente com os dados empíricos sem a análise de sua “essência”, não é um ponto de vista científico. Tal versão sempre de forma fatal começa pelo fim. Por isso, inutilmente a caracterologia, de Hipócrates a Kretchmer, se debate sobre a classificação como um dos problemas principais do caráter. A classificação só pode ser cientificamente válida e proveitosa quando fundamentada no sintoma essencial de fenômenos que se espalham por determinadas classes, quando a classificação previamente supõe o conhecimento da essência dos fenômenos. Senão, a classificação será, pela necessidade, uma distribuição escolástica de dados empíricos. E exatamente assim são quase todas as classificações de caracteres. Mas “a essência dos objetos” é a dialética dos objetos e ela é descoberta na dinâmica, no processo do movimento, da mudança, do estabelecimento e da eliminação, no estudo da gênese e do desenvolvimento.

A caracterologia – histórica e contemporânea – lembra o estado das ciências naturais até C.Darwin. O pensamento científico tentava levar em consideração e ordenar, introduzir um sistema e um sentido na grande diversidade de formas vegetais e animais, mas ela não possuía a chave para o alcance desta diversidade; ela a recebia como fato, como dado, como um testemunho indiscutível de criação de tudo existente. A chave para a biologia estava na evolução, na idéia do desenvolvimento natural das formas vivas. Assim como a biologia começou da origem dos tipos, a psicologia deve começar da origem dos indivíduos. A chave para a origem dos indivíduos é o reflexo condicional. Se Darwin apresentou a biologia dos tipos, então I.P.Pavlov apresenta a biologia dos indivíduos, a biologia da personalidade. O mecanismo do reflexo condicional desvenda a dinâmica da personalidade e mostra que a personalidade surge na base do organismo como uma superestrutura complexa, criada pelas condições externas da vida individual. Exatamente este estudo soluciona definitivamente a antiga discussão entre o nativismo e empirismo. Ele mostra que tudo na personalidade é construído na base hereditária, congênita e, ao mesmo tempo, tudo nela é ???, condicional, ou seja, é social.

Estudo sobre os reflexos condicionais não só dá a deus o que é de deus e a César o que é de César. Ele mostra que o momento motor, dinâmico, que empurra o desenvolvimento e provoca mudança está exatamente das condições que reconstroem a experiências hereditárias. A reação inata é só material e seu destino depende das condições formativas nas quais terá que se revelar. Na base inata podem se criar infinita e variavelmente. Pouco provável que se encontre uma ilustração melhor, para comprovar a quase absoluta reeducação da natureza humana, como é o reflexo salivar em resposta à excitação destrutiva e de dor com forte corrente elétrica. Feita em condições determina-

das, ou seja, alimentado durante uma excitação dolorida, o cachorro começa a responder às queimaduras e feridas com uma reação positiva que, na linguagem subjetiva da psicologia denomina-se espera alegre e, na linguagem da psicologia objetiva é reflexo alimentar. O cachorro não só não se defende da dor, mas a deseja. Segundo J.Bom, C. Cherrington presente nestes testes exclamou: “Agora eu entendo a alegria dos sofredores com a qual iam para a fogueira” (citação pelo livro de Iu.P.Frolov, 1925, p.155). Assim, o biológico através dos fatores sociais refundi-se em social; o biológico, orgânico – em pessoal; “o natural”, “absoluto”, incondicional – em condicional. Isso é o próprio material da psicologia.

C. Cherrington percebeu no teste com o cachorro uma enorme perspectiva psicológica – a chave para a descoberta da origem das formas psíquicas humanas superiores. Ele disse essencialmente aquilo que para o nosso tema pode ser traduzido e explicado da seguinte maneira: para entender o caráter do sofredor que com alegria vai para a fogueira, tem-se que perguntar de quais condições por necessidade surgiu este caráter, o que obriga o sofredor a alegrar-se, qual é a história, ou seja, a dinâmica, a condicionalidade desta alegria. O caráter é condicional, eis sua fórmula dinâmica. Estaticamente o caráter é igual à soma de traços básicos da personalidade e de comportamento; ele é um corte transversal da personalidade, seu estado inalterável, disponível. Entender o caráter dinamicamente quer dizer traduzi-lo para a língua de orientações principais e objetivas no meio social, endente-lo na luta pela superação de obstáculos, na necessidade de seu surgimento e desdobramento, na lógica interna de seu desenvolvimento.

A lógica do desenvolvimento do caráter é a mesma lógica de qualquer desenvolvimento. Tudo que se desenvolve se desenvolve por necessidade. Nada se aperfeiçoa e avança em função de um “ímpeto vital”, sobre o qual fala a filosofia de A.Bérgson. Seria um milagre se o caráter se desenvolvesse sob a pressão da necessidade que o obriga e o empurra para o desenvolvimento. A que necessidade então estão atreladas as forças motrizes do desenvolvimento do caráter? Existe somente uma resposta para esta pergunta: a necessidade que é a fundamental e determinada pela necessidade de toda vida humana, na necessidade de viver no meio histórico e social e reconstruir todas as funções orgânicas de acordo com as exigências apresentadas por este meio. Somente na qualidade de uma unidade determinada e social pode existir e funcionar o organismo humano.

Este postulado foi tomado como ponto de partida no sistema da psicologia individual (psicologia social da personalidade) de A.Adler. Deixaremos de lado a questão sobre a relação entre este estudo e a filosofia marxista, como uma questão complexa, discutível e que exige um estudo especial. As posições básicas filosóficas de Adler estão deturpadas por elementos metafísicos. Um interesse caracterológico apresenta somente a prática de Adler. Com toda razão Adler denomina este estudo de psicologia posicionista no mais profundo sentido desta palavra, diferente da desposicionista: a primeira baseia-se no desenvolvimento psicológico na posição social da personalidade, a segunda – na disposição orgânica, ou seja, da predisposição. Aqui, ao conceito caráter retorna seu sentido inicial. “Caráter” quer dizer em grego “cunho”.

2

O caráter é exatamente o cunho social da personalidade. É o comportamento petrificado, cristalizado, típico da personalidade na luta pela posição social. É o sedimento da linha principal, a linha dominante da vida, do plano de vida inconsciente, da direção única da vida em todos os atos e

funções psicológicas. Em função disso, para o psicólogo torna-se obrigatória a compreensão não só de cada ato psicológico, mas também do caráter como um todo, não só na relação com o passado da personalidade, mas com seu futuro. Isso pode ser denominado de direção final do nosso comportamento. Assim como a cena no filme que mostra um momento em movimento pode ser incompreendida, nos momentos subseqüentes fora do movimento como um todo, assim a trajetória da bala esta determinada pelo ponto final ou pelo alvo, da mesma forma qualquer conduta e qualquer traço do caráter provocam questões: a que estão direcionados? Qual é o objetivo? Em que se transformarão? Para onde pendem? Essencialmente, esta compreensão de fenômenos psicológicos não só do passado, mas do futuro não significa nada além da exigência dialética – aceitar os fenômenos em permanente movimento, descobrir nos fenômenos suas tendências, seu futuro, determinado por seu presente. Assim como na esfera da história nós nunca entenderemos até o fim a essência do regime capitalista se o tomarmos estaticamente, fora da tendência de seu desenvolvimento, fora de sua relação necessária com o regime futuro, enxergado em suas entranhas. Assim, na esfera da psicologia nunca entenderemos até o fim a personalidade humana se a analisarmos estaticamente, como uma soma de revelações, condutas, etc., sem um único plano de vida desta personalidade, sem sua linha dominante, que transforma a história de vida do ser humano de uma série de episódios desconexos e entrecortados num processo biográfico único e relacionado.

3

Nenhuma ação instintiva de um animal pode ser por nós compreendida e explicada se não sabemos seu final, seu “alvo”, seu ponto final a qual está direcionada. Imaginemos o comportamento do animal diante da copulação. Só pode ser entendido se tomado num todo, somente a partir do ato final, do elo final para o qual estão direcionados todos os outros elos que precedem esta corrente. Os movimentos do tigre a espreita da presa serão totalmente sem sentido se não levarmos em conta o último deste drama, quando o tigre devora sua presa. Poderíamos descer a escada da evolução até as funções mais inferiores orgânicas e encontraríamos por toda parte a mesma particularidade: o caráter final, a tendência final da reação biológica. Se os dentes do animal cortam e quebram a comida, isso só pode ser entendido somente entendendo que esta comida será digerida e assimilada pelo organismo, ou seja, de acordo com todo o processo de digestão e nutrição. Aquilo que normalmente denominam de teleologia imanente do organismo, ou seja, aquele princípio metodológico, de acordo com o qual analisamos as partes do corpo vivo como órgãos e suas ações como funções orgânicas que adquire significado e sentido somente na relação com o organismo como um todo, é, na verdade, a formulação geral biológica da mesma idéia.

Assim, o caráter final dos atos psicológicos, suas orientações para o futuro apresentam-se já nas formas mais elementares de comportamento. Como vimos, nenhuma ação instintiva não pode ser compreendida até o fim sem a análise numa perspectiva para o futuro. Este fato fundamental de I.P.Pavlov reforçou no termo genial – “reflexo do alvo”. Ao estudar as atividades mais simples e fundamentais do sistema nervoso com as quais nasce o animal, Pavlov chegou à conclusão de que deve ser estabelecido um reflexo incondicional específico, o reflexo do alvo. Com este termo, paradoxal à primeira vista, Pavlov destaca a particularidade deste reflexo: ele está orientado para o alcance do “alvo”, ou seja, pode ser entendido somente do futuro e, ao mesmo tempo, este tipo de atividade não é qualquer exceção, mas o reflexo mais comum. Justamente por isso, Pavlov altera,

neste caso, o termo “instinto” e prefere “reflexo”; “... Nele mais está mais nitidamente a idéia de determinismo, é mais indiscutível a relação entre o estímulo e a afetação, do motivo com a consequência” (1951, p. 306).

Curioso que Adler, ao explicar a idéia de orientação do comportamento para o futuro, refere-se às experiências de Pavlov com a educação do reflexo condicional de sinalização (A. Adler, 1927). E da mesma forma é curioso que Pavlov aponta para a semelhança entre o mecanismo do estudo de compensação e o reflexo de alvo. Neste reflexo ele vê “um importante fator da vida”, principalmente necessário na área importante que é a educação. O mecanismo de formação do reflexo de alvo a partir da presença de obstáculos foi estabelecido na psicologia por Pavlov e Adler. T. Lipps denominou-o de lei de aglomeração e via nela a lei geral da atividade psíquica que consiste na energia que se concentra no determinado ponto, aumenta e pode superar o atraso, mas pode também pelo caminho de subterfúgio. Aqui já está contida a idéia de compensação. Qualquer tendência, em geral, Lipps explicava com a ação desta lei, ele considerava que qualquer atividade racional realiza-se pelas vias que precedem o acontecimento automático ou sem alvo somente quando surge o obstáculo. Somente graças ao atraso ou ao obstáculo torna-se possível o “alvo” para outros processos psíquicos. O ponto de intervalo, de infração, de uma das funções que funciona automaticamente, torna-se “alvo” para outras funções, orientadas para este ponto e que por isso possuem a aparência de atividade racional. Assim, o “alvo” está dado com antecedência e, na realidade, é somente um alvo aparente, pois na prática é causa primeira de qualquer desenvolvimento.

A teoria dinâmica não pode limitar-se a constatação do fato de existência do reflexo do alvo, do fato da orientação fatal da psíquica. Ela quer saber como surge o reflexo de alvo, qual é a condicionalidade e determinação causal daquelas formas de comportamento que estão orientadas para o futuro. A resposta para esta questão está na fórmula de Pavlov sobre a existência de obstáculos. A existência de obstáculos (como demonstrou a psicologia ainda antes de Pavlov) é não só a condição principal de *alcance do alvo*, mas também a condição necessária do próprio *surgimento e existência do alvo*.

Dois postulados psicológicos fundamentais, nos quais se baseia a teoria dinâmica do caráter - a explicação da orientação psicológica do futuro e o princípio de compensação no desenvolvimento da psíquica - revelam-se, desta forma, internamente interligados; um é a continuação dinâmica do outro. A existência de obstáculos cria o “alvo” para os atos psíquicos, ou seja, introduz no desenvolvimento da psíquica a perspectiva do futuro e a presença deste “alvo” cria o estímulo para as tendências para compensação. São dois momentos do mesmo processo psicodinâmico. Podemos perceber que para o entendimento completo da lógica interna dos pontos de vista desenvolvidos, este terceiro postulado, no qual nos apoiamos - o princípio de condicionalidade social dos processos de desenvolvimento - também está internamente interligado com os outros dois e forma, na fila causal, o primeiro que determina tudo, mas na fila circular-causal ou de alvo é o momento final do mesmo processo único - desenvolvimento por necessidade.

As condições sociais, as quais deve integrar a criança, compõem, por um lado, toda aquela esfera de inadaptação da criança da qual originam-se todas as forças de seu desenvolvimento; a existência de obstáculos, que empurram a criança para o desenvolvimento, está arraigada nas condições do meio social no qual *deve* entrar a criança; por outro lado, para o alcance de um necessário nível social está direcionado o desenvolvimento da criança. Aqui está o início e o fim, o alfa e o Omega. Cronologicamente todos os três momentos deste processo podem ser representados assim: 1. a inadaptação da criança ao meio sócio-cultural cria fortes obstáculos no caminho do crescimento

psíquico (princípio de condicionalidade social do desenvolvimento); 2. estes obstáculos servem de estímulo para o desenvolvimento compensatório; tornam-se seu ponto de alvo e orientam todo o processo (princípio de perspectiva para o futuro); 3. a presença de obstáculos aumenta e obriga a função se aperfeiçoar e leva à superação destes obstáculos e isso significa à adaptação (princípio de Compensação). Como as relações da personalidade com o meio estão no início (1) e no fim (3) do processo, isso lhe confere um forma fechada e circular e permite analisa-lo a partir do aspecto direto (causal) e circular (de alvo).

4

Mas se sabemos como da fraqueza surge a força, dos defeitos surgem as capacidades, então temos em nossas mãos a chave do problema do talento infantil. A teoria dinâmica de talento é, claro, coisa do futuro; até hoje, ainda agora, este problema é resolvido pura e estaticamente. O pesquisador aborda o talento infantil como um fato, como com um dado e se faz somente uma indagação: “Quantos pontos?” Seu interesse é somente a pontuação, mas não os elementos do talento. Na teoria dinâmica do caráter infantil são apresentadas as premissas para a formação do estudo novo dialético sobre o mais e o menos do talento, ou seja, sobre o talento infantil e a deficiência. O ponto de vista anterior – atomístico e quantitativo logo percebe a total inconsistência teórica. Tomemos uma pessoa com uma memória ruim. Supomos que ele saiba disso e a pesquisa mostrou uma ruim memorização de sílabas desconexas. Pelo *usus*, estabelecido na psicologia e que agora deveria se chamar de *abusus*, deveríamos concluir que a pessoa sofre de insuficiência de memorização por sua hereditariamente ou em função de doença. Em outras palavras, normalmente neste método de pesquisa, a conclusão contém aquilo que com outras palavras foi expresso desde a premissa, por exemplo, neste caso: se alguém tem uma memória ruim ou alguém recorda de poucas palavras, então esta pessoa possui uma pequena capacidade de memorização... Esta questão foi colocada de outra forma: “A que esta direcionada a memória fraca? Para que precisa disso?” Este objetivo nós podemos estabelecer somente conhecendo intimamente o indivíduo como um todo, por isso o entendimento desta parte surge da compreensão do todo. O ponto de vista dinâmico permite observar o talento e a deficiência como dois resultados diferentes do único e mesmo processo de compensação. Seria, é claro, um otimismo cientificamente injustificado supor que a presença de uma deficiência ou insuficiência basta para a compensação, para a transformação de defeito em talento. A supercompensação seria um processo mágico e não biológico se transformasse cada defeito em talento, independentemente das condições orgânicas internas e das condições externas, nas quais transcorre este processo. É impossível de imaginar esta idéia num mundo mais caricato e incorreto do que leva-la ao absurdo e dizer que qualquer defeito garante um alto desenvolvimento. Seria muito fácil viver se isso fosse assim. Mas na verdade a compensação é luta e como qualquer luta ela pode ter dois desfechos polares – a vitória e a derrota. Como qualquer luta, ela coloca o resultado em dependência da relativa força das partes que lutam. Neste caso, o resultado depende do tamanho do defeito e da riqueza do fundo compensatório, ou seja, da reserva de forças do organismo. Se a compensação obteve sucesso, nos vemos diante de um pleno desenvolvimento de dotes infantis ou até mesmo um superdesenvolvimento que é a superdotação, o talento. Se a compensação falhou, então vemos um desenvolvimento reduzido, inferior, retardado e distorcido. Um pólo deste processo baseia-se na genialidade, o outro na neurose.

A neurose, a fuga para a doença e a total insociabilidade da postura psicológica são testemunhas do alvo fictício que orienta todo plano de vida pelo caminho falso e que distorce a linha dominante da vida e o caráter da criança. A compensação que falhou transforma-se numa luta de defesa com a ajuda da doença; o vencido se defende com a sua fraqueza. Estes dois pólos, como pontos extremos dispõem-se todos os graus de compensação – do mínimo ao máximo. Este é o talento infantil mais comumente constatado por nós e encontrado na prática e a qual estamos acostumados. O novo na abordagem dinâmica está não na alteração da avaliação quantitativa do talento e seus tipos especiais, mas na negação de atribuir a esta avaliação um significado independente. Por si mesmo o defeito não diz nada sobre o desenvolvimento como um todo. A criança com um ou outro defeito ainda não é uma criança deficiente. Com os defeitos estão dados os estímulos para sua superação. O desenvolvimento das capacidades, assim como o desenvolvimento do caráter, caminha dialeticamente e entra em movimento pela contradição.

5

A contradição interior orienta o desenvolvimento do caráter na linha “do contraste psicofísico”, como simbolicamente aponta Adler a oposição da insuficiência orgânica e da compensação psíquica.

Z. Freud apresentou uma tese conhecida da tríade caracterológica (asseio, avareza, teimosia) e da relação dela com a erótica anal. Ou outra tese: “Os sujeitos que sofrem de incontinência urinária diferenciam-se por uma ambição excessiva e ardente” (Z. Freud, 1923, p. 23). “... A necessidade interior de tal relação entre os fenômenos...” (idem, p. 20) não está clara e entendida até o fim pelo próprio autor desta teoria. Temos o direito de perguntar – que importância para a vida futura terão estes traços do caráter. Qual é a relação entre esta tríade e a erótica anal? Porque o comportamento da vida inteira é determinado por este traço, o que a ajuda não se atrofiar, o que a alimenta? Por que é necessária no sistema das funções psicológicas da personalidade? Ao contrário, se nos mostram como da deficiência da função auditiva (audição reduzida), por meio de formações reativas e compensações, desenvolve-se a sensibilidade mais apurada, a desconfiança, a inquietação, a curiosidade e outras funções que tendem a compensar o defeito e criar uma superestrutura psicológica de defesa, então entendemos a lógica do caráter e sua conformidade sócio-psicológica.

Para Freud nas especificidades do caráter são descobertas “as atrações primárias que continuam sua existência imutavelmente”, o caráter está arraigado no *passado longínquo*. Para Adler o caráter é o lado da personalidade voltado para o futuro. Como na interpretação dos sonhos, Freud parte dos restos do dia de ontem e de determinadas emoções infantis, e Adler diz que o sonho é uma investigação militar, a apalpação do futuro, preparação para os atos futuros, como no estudo da estrutura da personalidade, sobre o caráter o novo estudo introduz uma perspectiva futura profundamente valiosa para o psicólogo. Ela nos liberta do poder das teorias conservadoras, voltadas para trás. Na realidade, para Freud, o homem está preso ao seu passado assim como o prisioneiro está preso ao carrinho de mão. A vida inteira determina-se na tenra infância a partir de combinações elementares e sem resíduo consiste na erradicação de conflitos da infância. Permanece incompreendido porque todos os outros conflitos e traumas somente sobrepõem-se sobre os da infância que compõem o tronco e o eixo de toda a vida. Na teoria nova a perspectiva revolucionária do futuro permite entender o desenvolvimento e a vida da personalidade como um processo único, orientado

para frente e com necessidade objetiva direcionado para o ponto final, marcado pelas exigências da existência social.

A perspectiva psicológica do futuro é a possibilidade teórica da educação. A criança por sua natureza revela-se sempre incompleto em comparação com o adulto; sua posição, desde o início, dá razão para o desenvolvimento nela de sentimento de fraqueza, insegurança e dificuldade. A criança, durante longos anos, permanece inadaptável para a existência independente e nesta inadaptação e incômodo da infância está a raiz do seu desenvolvimento. A infância é a época de insuficiências e compensações pela vantagem, ou seja, de conquista de posições com relação ao social. No processo desta conquista o ser humano como um determinado biótipo transforma-se em ser humano como tipo social, um organismo animal constitui-se numa personalidade humana. O domínio deste processo social natural é chamado de educação. A educação seria impossível caso no próprio processo natural do desenvolvimento e da formação da criança não estivesse alicerçada a perspectiva do futuro, determinada pelas exigências da existência social. A própria possibilidade do plano único na educação, sua orientação para o futuro comprova a presença de tal plano no processo do desenvolvimento, que tenta ser apropriado pela educação. No fundo, isso significa que o desenvolvimento e a formação da criança é um processo social orientado. O. Riule fala sobre esta linha da vida: “Isso é a linha de Ariadna dela (da criança) que a leva ao alvo. Já que com o tempo todas as funções mentais transcorrem numa direção selecionada, todos os processos mentais recebem sua expressão típica, então se forma uma soma de métodos táticos, ímpetos e capacidades que encobrem e traçam um determinado plano de vida. É isso que chamamos de caráter” (1926, p. 12).

Neste caminho foram feitas muitas descobertas importantes na ciência sobre a criança. Assim, K.Gross, contrariando S.Holl e a teoria biogenética, mostrou em suas pesquisas maravilhosas e clássicas que a brincadeira como forma básica da educação natural do animal e da criança pode ser entendida e explicada não na relação com o passado, mas da sua orientação para o futuro. A brincadeira para ela surge em função da insuficiência das reações inatas para a realização de tarefas complexas da vida, ou seja, por causa da inadaptação; a infância é uma época biológica de “aquisição de dispositivos necessários para a vida, mas que não se desenvolvem independentemente das reações inatas” (1916, p.71)., ou seja, a época da compensação das insuficiências; a brincadeira é a auto-educação natural da criança, o exercício para o futuro. Nos últimos tempos apresenta-se e se firma cada vez mais o novo ponto de vista sob a natureza psicológica do exercício que, na realidade, desenvolve a idéia de Gross. De acordo com este ponto de vista, o exercício em geral, importantíssima no processo de desenvolvimento e educação, função no processo de elaboração da personalidade, é o processo de compensação.

Somente sob a luz da teoria da brincadeira de Gross e da nova teoria de exercício pode ser verdadeiramente entendida e avaliada a importância do movimento infantil e seu sentido educacional. O movimento infantil (em alguns componentes) deve ser analisado como experiência de racionalização e organização da brincadeira infantil de massa em escala internacional. A brincadeira da época revolucionária que, como qualquer brincadeira, prepara a criança para o futuro, empenha as linhas fundamentais de seu futuro comportamento. A própria idéia e prática de tal brincadeira seriam impossíveis se o desenvolvimento da personalidade fosse um desencadeamento passivo das atrações primárias inatas. A idéia de extrair conscientemente toda vida humana desde a infância numa única linha contínua e direciona-la por uma única linha reta, traçada pela história, pode ser válido somente com a condição de que os caracteres não nascem, mas formam-se. Não é desencadeamento, mas elaboração, eis a correta denominação do processo de surgimento do caráter. Exatamen-

te este ponto de vista dá a chave para a compreensão da personalidade e, no aspecto social, a chave para a compreensão do caráter de classe, não no sentido metafórico da palavra, mas no sentido real e concreto, a marca classista na estrutura biológica da personalidade. Como a principal deficiência das teorias estáticas do caráter A.B.Zalkind aponta para a contradição em que entram estas teorias com aquele fato fundamental que cada pessoa é não só uma unidade biológica, mas também histórica e carrega em seu caráter traços históricos.

“É possível a situação de classe (posição de explorador e explorado), a época histórica (revolução, reação) empurrar para um ou outro tipo... de caráter?” (A.B. Zalkind, 1926, p. 178). Nesta questão está demarcado drasticamente o limite entre as duas diferentes formas de conceber o caráter. Uma forma de ver no caráter um fato biológico e a outra de ver no caráter a forma histórica da personalidade. O primeiro ponto de vista foi refletido na conhecida tese de G.Kompeir que analisava o caráter como um conjunto de sinais pronta e formada no momento do nascimento: “Sem cair no paradoxo, - diz ele - pode-se dizer que a criança que futuramente será aplicada, revela está tendência na maneira que pega e segura a corneta (do livro *A vida espiritual da criança*. 1916, p. 261). Em outras palavras, o caráter nasce com o indivíduo e revela-se na maneira do recém-nascido pegar e segura a corneta. Em contraponto a isso, Gross vê uma significativa importância biológica da brincadeira como uma forma natural de educação e suas capacidades para nos levar da herança natural para uma nova natureza “adquirida” pelo indivíduo, ou, “utilizando aqui num sentido conhecido a velha expressão, - do velho Adão levar o homem para o Adão novo...” (K.Gross, 1916, p. 72). Mas o caráter é nada mais que o novo Adão, a nova e segunda natureza do homem.

Nos últimos anos o estudo de Adler, principalmente em sua parte aplicada e praticamente pedagógica, influenciou muito a teoria e a prática da educação social na Alemanha e Áustria. A pedagogia é a área importante deste estudo psicológico. Segundo O.F.Kanitz, este estuda já possui uma grande importância para o movimento socialista operário porque apresenta em primeiro plano a importância do meio e da educação. “Ele nos dá fundamentos psicológicos às palavras de Marx: nossa existência social determina nossa consciência” (O.F. Kanitz, 1926, p. 165). Kanitz insiste principalmente em dizer que as conclusões práticas do estudo de Adler e a aplicação desta teoria na educação entra em contradição com o regime capitalista e seu meio cultural. “*Ou seja, a psicologia individual, transformada em prática, abala os moldes da sociedade capitalista*. E assim, o psicólogo burguês desta tendência experimenta algum dia e em algum lugar seu Damasco” (idem, p. 164). Em 1925, no Congresso da Psicologia Individual, em Berlim, Kanitz apresentou a tese: “A psicologia individual só poderá penetrar nas massas quando estiver alicerçada na ideologia de massas” (idem).

Como já foi dito, estamos deixando de lado a questão complexa sobre a relação da psicologia individual e o marxismo. No entanto, acreditamos necessário apontar para a presença de duas tendências polares dentro deste estudo para iluminar a situação de fato da questão.

O estudo de Adler apóia-se num fundamento filosófico cruzado e complexo. Por um lado, ele afirma que as idéias de Marx, mais do que quaisquer outras, podem ter significado para a psicologia individual. Por outro lado, ele avidamente absorve as idéias de A.Bérgson, V.Chtern e outros idealistas e destaca a convergência de muitas de suas idéias com os pontos principais de sua filosofia. Com toda razão Adler fala que não sua pretensão nem tarefa estabelecer a relação entre a psicologia

individual e a filosofia. Está correto Adler ao tentar apresentar um fundamento gnosiológico a esta teoria quando diz que determinados elementos deste estudo estão em ligação encontrada por via puramente empírica, ou seja, que esta teoria não possui uma metodologia filosoficamente coerente.

Exatamente por isso ela toma elementos filosóficos do caráter mais intransigente. Toda a psicologia moderna vive uma crise, o sentido da qual está na conclusão de que não existe uma, mas duas psicologias. Elas, até hoje, são elaboradas em conjunto: a psicologia natural científica, a materialista e a psicologia idealista, teleológica. Esta idéia está fundamentada pela psicologia moderna nos trabalhos de F.Brentano, G.Miunsterberg, V.Diltei, E.Gusserl, P.Natorn e muitos outros. A psicologia de Adler, assim como tudo na psicologia moderna, superará de forma indivisível as marcas e os princípios destes dois sistemas científicos polares incompatíveis e polares. Daí a luta metodológica dentro desta tendência e as tentativas de formula-la metodologicamente com auxílio de um ou outro sistema.